

# Menotti Del Picchia – Torre de babel

Eles ergueram a torre de Babel  
bem na Praça Antônio Prado.  
O esqueleto de aço cobriu-se de carne de cimento  
e as vigas e guindastes  
eram braços agarrando estrelas  
para industrializá-las em anúncios comerciais.

Italianos joviais,  
húngaros de olhos de leopardo,  
caboclos de Tietê arrastando o caipira.

bolchevistas da Ucrânia,  
polacos de Wrangel,  
nipões jaldes como gnomos nanicos talhados em âmbar

entre as pragas dos contramestres,  
os rangidos das tábuas do andaime,  
o estridor metálico  
das vigas de aço e dos martelos sonoros,  
no céu libérrimo de S. Paulo,  
fizeram a confusão das línguas,  
sem perturbar a geometria rigorosa  
do ciclópico arranha-céu!

Lá do alto, o paulista,  
bandeirante das nuvens,  
mirou o prodígio da Cidade alucinada:  
uma casa de três andares  
pôs-se a crescer bruscamente  
como nos romances de Wells;  
outra apontou a cabeça arrepelada de caibros  
acima do viaduto do Chá;  
e começou a desabalada carreira

do páreo do azul.

O formidável arranha-céu

com a cabeça nas nuvens

abrigou no seu ventre de concreto

o drama da nova civilização.

Onde estás, meu seráfico Anchieta,

erguendo com o barro de Piratininga,

pelo milagre da tua persuasão,

as paredes rasteiras do Colégio?

Menotti Del Picchia, Melhores poemas